

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA- INC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM
PEDAGOGIA

REGINALDO AIAMBO PACAIO

A LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA
INDÍGENA: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOCENTES

Benjamin Constant – AM

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA- INC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

REGINALDO AIAMBO PACAIO

A LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA
INDÍGENA: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOCENTES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final à obtenção do grau de licenciado em Pedagogia pelo Instituto de Natureza e Cultura - INC/UFAM/BC.

Orientadora: Professora Dra. Marinete Lourenço Mota

Benjamin Constant – AM

2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P113I Pacaio , Reginaldo Aiambo
A leitura no ensino fundamental de uma escola indígena : as
práticas pedagógicas docentes / Reginaldo Aiambo Pacaio . 2021
58 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Marinete Lourenço Mota
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Pedagogia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Leitura . 2. Práticas docentes . 3. Sala de aula indígena . 4.
Ensino fundamental . I. Mota, Marinete Lourenço. II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

REGINALDO AIAMBO PACAIO

**A LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA
INDÍGENA: AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final à obtenção do grau de licenciado em Pedagogia pelo Instituto de Natureza e Cultura - INC/UFAM/BC.

Aprovado em 19 de julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Marinete Lourenço Mota – Presidente
Instituto de Natureza e Cultura/UFAM/BC

Prof. Me. Herbert Garcia Santana Oliveira - Membro
Instituto de Natureza e Cultura/UFAM/BC

Profª. Me. Maria Simone Ribeiro da Silva Cruz – Membro
Instituto de Natureza e Cultura/UFAM/BC

Aos meus familiares. Aos professores Indígenas de Benjamin Constant e especialmente os da Escola Indígena Ebenezer. A todos os mestres que se fizeram presentes em minha trajetória de ensino, pelo incentivo nessa conquista.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela vida, pelas inspirações divinas e encorajamento na superação dos obstáculos e dificuldades superadas no percurso da graduação.

Aos meus familiares que me incentivaram a concluir o curso de graduação em Pedagogia e a enfrentar os momentos difíceis pelos quais sempre enfrentamos.

Aos meus amigos e parceiros da graduação, pelas experiências, pelos bons e difíceis momentos partilhados.

Aos professores do curso e de todo o Instituto de Natureza e Cultura pelos ensinamentos que me permitiram construir uma experiência profissional.

Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a
si mesmo, os homens se educam entre si,
mediatizados pelo mundo.

Paulo Freire

RESUMO

Esta monografia aborda a temática na leitura em sala de aula em escola indígena do povo Ticuna. Temática de grande relevância no meio científico e social como um todo, tendo em vista o poder e importância de se ter conhecimento por meio da educação e nesse contexto a leitura torna-se imprescindível aos seres humanos. A pesquisa teve como principal objetivo conhecer como acontece o ensino da leitura nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Indígena Ebenezer em Benjamin Constant- AM, procurando identificar as atividades de incentivo à leitura em sala de aula, com ênfase nas metodologias utilizadas pelas práticas pedagógicas docentes e levantar as dificuldades encontradas pelos docentes nos processos de ensino e aprendizagem da leitura. Conta com um aporte teórico metodológico fundamentado nos aspectos legais da política pública educacional indígena em âmbito nacional e local, como por exemplo a Constituição Federal do Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/96; Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (1998), bem como com os autores Brandão (1981), Chartier (1988), Canfora (1989) Benjamin (1986), Ferreira (2001 e 1998), Almeida (2002), Vygotsky (1989), Paulo Freire (1981), Ayres (2008) Minayo (1999), Vergara (2005), Lerner (2008), Kleiman (2000), Soares (2002). A metodologia do trabalho encontra-se imbricada na abordagem qualitativa fenomenológica, por meio da pesquisa de campo realizada antes do período de pandemia, a partir dos instrumentos de coletas de dados de observação participante e aplicação de questionários com professores e alunos. Como resultado da pesquisa ressalta-se a valorização da leitura no ambiente escolar, por professores, gestores e principalmente os alunos; as metodologias utilizadas para o desenvolvimento de atividades de leitura pelos professores, bem como suas dificuldades encontradas para o exercício de suas práticas profissionais e principalmente para ensinar os alunos a ler e conseqüentemente escrever.

Palavras-chaves: Leitura. Práticas docentes. Sala de aula indígena. Ensino fundamental

RESUMEN

Esta monografía aborda el tema de la lectura en el aula de una escuela indígena del Pueblo ticuna. Tema de gran relevancia en el ámbito científico y social en su conjunto, considerando el poder y la importancia de tener conocimiento a través de la educación, y en este contexto la lectura se torna fundamental para el ser humano. El objetivo principal de la investigación fue conocer cómo se enseña la lectura en los Primeros Años de la Escuela Primaria, en la Escuela Municipal Indígena Ebenezer en Benjamín Constant-AM, buscando identificar actividades para incentivar la lectura en el aula, con énfasis en las metodologías. Utilizados por las prácticas pedagógicas de los docentes y plantean las dificultades que encuentran los docentes en los procesos de enseñanza y aprendizaje de la lectura. Tiene un aporte teórico metodológico basado en aspectos legales de la política educativa pública indígena a nivel nacional y local, tales como la Constitución Federal de Brasil, la Ley de Lineamientos y Bases de la Educación Nacional - LDB nº 9394/96; Referencia Curricular Nacional para Escuelas Indígenas (1998), así como con los autores Brandão (1981), Chartier (1988), Canfora (1989), Benjamin (1986), Ferreira (2001 y 1998), Almeida (2002), Vygotsky (1989), Paulo Freire (1981), Ayres (2008) Minayo (1999), Vergara (2005), Lerner (2008), Kleiman (2000), Soares (2002). La metodología de trabajo se inserta en el enfoque cualitativo fenomenológico, a través de la investigación de campo realizada antes del período pandémico, a partir de los instrumentos de recolección de datos de observación participante y la aplicación de cuestionarios con docentes y estudiantes. Como resultado de la investigación, se destaca la apreciación de la lectura en el ámbito escolar, por parte de profesores, administradores y especialmente estudiantes; las metodologías utilizadas para el desarrollo de las actividades lectoras por parte de los docentes, así como las dificultades encontradas en el ejercicio de sus prácticas profesionales y principalmente para enseñar a los estudiantes a leer y consecuentemente a escribir.

Palabras clave: Lectura. Prácticas docentes. Sala de aula indígena. Ensino fundamental

LISTA DE SIGLAS

AM - Amazonas

CNE - Conselho Nacional de Educação

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

GO - Grupo de Observação

GV - Grupo de Verbalização

LDBEN - Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação e Cultura

PCN - Parâmetros Curriculares Nacional-PCN

PNE - Plano Nacional de Educação

SPI - Serviço de Proteção aos Índios

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I.....	13
A VIDA ACADÊMICA E A ESCOLHA TEMÁTICA.....	13
1.1 MEMORIAL ACADÊMICO.....	13
1.2 OS MOTIVOS DA ESCOLHA TEMÁTICA.....	16
CAPÍTULO II.....	20
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E A METODOLOGIA DA PESQUISA.....	20
2.1 A LEITURA E O ENSINO FUNDAMENTAL.....	20
2.2 EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA.....	29
2.3 PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	36
CAPÍTULO III.....	40
PRÁTICAS DE LEITURA PEDAGÓGICA DOCENTE INDÍGENA.....	40
3.1 O VALOR DO INCENTIVO A LEITURA NA SALA DE AULA.....	40
3.2 AS METODOLOGIAS UTILIZADAS NA PRÁTICA DA LEITURA.....	44
3.3 AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA APRENDIZAGEM DA LEITURA.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO.....	54
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR (A).....	56
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO: GRADUAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO, MESTRADO.....	58

INTRODUÇÃO

Esta monografia aborda a temática na leitura em sala de aula em escola indígena do povo Ticuna, temática relacionada a um conteúdo educativo de suma importância na vida do homem. O povo indígena Ticuna é um dos grupos sociais tradicionais que tem uma característica de resistência muito forte em meio ao processo de colonização da história brasileira. Vale enfatizar que o povo Ticuna é um dos mais numerosos e que mais tem mantido a sua tradição cultural. Dentre a tradição a língua é uma de suas maiores características, ou seja, o povo Ticuna tem a sua língua materna, primeira língua, sinal de sua resistência e a língua portuguesa como segunda língua.

Os direitos educacionais é garantido aos indígenas uma educação escolar diferenciada, porém, muitos estudos apontam que as realidades escolares indígenas seguem padrões e modelos de escolas não indígenas, adotando, portanto, o mesmo currículo, o que acontece na escola investigada. Logo, as dificuldades com os processos ensino e aprendizagem, principalmente no tocante a leitura em escolas indígenas se tornam ainda mais desafiadores.

A temática da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas indígenas torna-se de suma relevância para o domínio da língua materna e da segunda língua nas modalidades da leitura e escrita, dificultando o desenvolvimento intelectual, ético e social. Permite o desenvolvimento de habilidades e competências importantes para a vida em sociedade seja em seus próprios contextos sociais ou em outros grupos não indígenas. A Constituição Federal de 1988 – CF assegura o direito do índio, em seu respectivo acesso e permanência nas escolas. Oportuniza ao povo indígena uma educação escolar diferenciada, específica, intercultural e bilíngue.

Neste aspecto, a pesquisa teve como objetivos: geral - conhecer como acontece o ensino da leitura nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Indígena Ebenezer em Benjamin Constant- AM; específicos – identificar atividades de incentivo a leitura em sala de aula, com ênfase nas metodologias utilizadas pelas práticas pedagógicas docentes; levantar as dificuldades encontradas pelos docentes nos processos de ensino e aprendizagem da leitura.

O estudo conta com um aporte teórico metodológico fundamentado nos aspectos legais da política pública educacional indígena em âmbito nacional e local, como a Constituição Federal do Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/96; Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (1998), bem como com os autores Brandão (1981), Chartier (1988), Canfora (1989), Benjamin (1986), Ferreira (2001 e 1998), Almeida (2002), Vygotsky (1989), Paulo Freire (1981), Ayres (2008) Minayo (1999), Vergara (2005), Lerner (2008), Kleiman (2000), Soares (2002).

A metodologia do trabalho encontra-se imbricada na abordagem qualitativa fenomenológica, a partir da Pesquisa de Campo realizada no ano de 2017 a 2018 por meio das disciplinas de Prática Pedagógica da Pesquisa ofertadas no curso de Pedagogia, objetivando a formação do professor (a) pesquisador (a). Ressalta-se que os estágios realizados antes da Pandemia da Covid-19 também contribuíram com a coleta de dados, permitindo a aplicação de questionários com professores e alunos e a realização da observação participante. Esta monografia encontra-se estruturada em três capítulos, a saber: o primeiro capítulo trata de apresentar o memorial acadêmico, ressaltando as experiências construídas ao longo do curso de Licenciatura em Pedagogia que levaram a escolha temática; o segundo capítulo vem abordar a fundamentação teórica e o percurso metodológico da pesquisa e o terceiro e último vem elucidar as práticas de leituras pedagógicas docentes indígenas a partir do chão da escola na voz próprios sujeitos.

CAPÍTULO I

A VIDA ACADÊMICA E A ESCOLHA TEMÁTICA

1.1 MEMORIAL ACADÊMICO

Eu Reginaldo Aiambo Pacaio, nascido em 12 de fevereiro de 1980, no município de Benjamin Constant – AM, nacionalidade brasileira, de origem indígenas Cokama. Estado civil, solteiro. Filiação de Horácio Moraes Pacaio (falecido em setembro 2019) e Clementina Aiambo. Sou pescador artesanal (pesca em pequena quantidade para o consumo da família e venda), agricultor (agricultura de subsistência), Autonomo.

Iniciei meus estudos, aos 7 (sete) anos. Do primeiro ano dos anos iniciais ao quarto ano na escola municipal indígena Ebenezer (1989 - 1994), na comunidade indígena Filadélfia. O quinto ano na escola municipal professora Graziela Corrêa de Oliveira (1996); sexto, sétimo e oitavo ano na escola municipal Ebenezer (1999 – 2001) e o Ensino Médio na Escola Estadual Imaculada Conceição (2002 – 2004). Infelizmente Comecei estudar ao 7 sete anos de idade, no entanto, logo em poucos dias de aula, já estava lendo aos poucos.

Não tenho noção de dias, que ia a escola sem tomar café da manhã, mas isso não me desanimou, continuei estudando, enquanto, observava os colegas lanchando, dificilmente saía da sala de aula na hora do recreio, pois meus pais não tinha como me dá um real (moeda), para merenda, ou seja, mesmo não sabendo dos problemas financeiros que minha família/meus pais encontrava, pois não tinha recurso/ dinheiro, suficiente, que não poderíamos passar por necessidades, até mesmo para adquirir o café e a janta.

Assim, como no Ensino Médio, não medir esforços, enfrentei chuva, sol, caminhado a pé durante os três anos, de casa até a escola. Como ia a escola caminhando, já parecia normal andar com duas camisas, um se trocava ao chegar na escola, devido chegar a escola todo soado, isso parece uma leviandade, mas é um pouco de minha caminha nesta vida. Porém, foi muito gratificante, pois aprendi a valorizar mais a cada segundo da vida, pois um segundo faz a diferença em nossa vida. Construir muitas amizades com colegas e professores que até os dias atuais as amizades ainda permanecem.

Após concluir o Ensino Médio, fiquei 10 anos sem dá continuidade aos estudos, devido à falta de oportunidade, ou seja, por ausência de informações que pudesse nos manter informado aos acontecimentos dos vestibulares no caso, quando poderia acontecer como por exemplo, a data de inscrição do vestibular das instituições publica federal e estadual e também devido o fuso horário, algumas anos chegava atrasado para realizar a prova. Em 2015, tive o privilégio de ser aprovado no vestibular do Macro Verão, da Universidade Federal do Amazonas, para cursar Licenciatura Plena em Pedagogia. No entanto, apesar das inúmeras dificuldades encontradas na jornada escolar, e muitas vezes se deparando com pessoas sem respeito, sem caráter, até mesmo sendo humilhado, mesmo assim, não desisti de sonhar com meu futuro e de poder um dia contribuir com a sociedade, ou seja, contribuir no município com uma educação de qualidade e também da um retorno a minha comunidade, compartilhar os conhecimentos adquiridos. Pois uma sociedade é a formação de pessoas com diferentes características, com funções essenciais, e com seus domínios de saberes e costumes e leis próprias.

Na faculdade fui aprendendo, à princípio meus conhecimentos foram se complementando com os novos conhecimentos aprendidos ao decorrer do curso. No qual foram estudado vários autores que relatam sobre a temática: o Ensino da leitura nos Anos Iniciais. Os principais autores com os quais se identificaram forma: Fernando Jose de Almeida; Paulo Freire; Robert Darnton e Roger Chartier.

Fernando Jose de Almeida foi Vice-Reitor da PUC (1992-1995). Secretário Municipal de Educação (2001- 2002)... (Diretor de avaliação, currículo e formação- COPED – da Cidade de São Paulo e foi diretor Nacional do SESC nas áreas de Educação e Cultura 92017). Segundo o autor, o professor tem que usar o computador como um instrumento de leitura, no sentido de mostrar para o aluno que ler imagens, ler sons, ler letras, ler acontecimentos que estão se dando na rua é a mais profunda e radical forma de ler.

O computador pode ajudar. Ele é um amplificador do olhar, ele é amplificador da fala, ele é amplificador da manipulação de dados. Portanto, ele permite novas leituras, ele não se opõe à leitura. Precisa-se primeiro ler para, depois, aprender-se a manipulação do computador. Se eu tenho um projeto pedagógico, em que o computador trabalha como um competente mediador de leitura, ele funciona. Não precisa ler antes, para, depois, aprender a usar o computador, ou seja, tenho que me esforçar para aprender, não somente querer aprender o que está pronto, concluído, resolvido, ou melhor, tenho que ser um bom pesquisador, renovando a cada dia, com novas ideias, buscando novos sabres. Essa é a primeira coisa. As aprendizagens se dão simultaneamente.

É exatamente isso que o Paulo Freire diz quando afirma que, antes de eu saber ler um texto, eu tenho que saber ler o mundo, e essa leitura do mundo, não é uma leitura espontânea, é ela que o professor tem que ensinar.

Paulo Reglus Neves Freire nasceu no dia 19 de setembro de 1921, no Recife, Pernambuco, uma das regiões mais pobres do país, onde logo cedo pôde experimentar as dificuldades de sobrevivência das classes populares. Trabalhou inicialmente no SESI (Serviço Social da Indústria) e no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife. Ele foi quase tudo o que deve ser como educador, de professor de escola a criador de ideias e "métodos". Em 1969, trabalhou como professor na Universidade de Harvard, consultor Especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra (Suíça). Em 1989, tornou-se Secretário de Educação no Município de São Paulo, maior cidade do Brasil. Durante seu mandato, fez um grande esforço na implementação de movimentos de alfabetização, de revisão curricular e empenhou-se na recuperação salarial dos professores. Foi reconhecido mundialmente pela sua práxis educativa através de numerosas homenagens.

Paulo Freire foi outorgado o título de doutor Honoris Causa por vinte e sete universidades. No dia 10 de abril de 1997, lançou seu último livro, intitulado "Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa". Paulo Freire faleceu no dia 2 de maio de 1997 em São Paulo.

Com relação a leitura diz que: “[...]a compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.” Para ele a leitura do mundo vem antes da leitura da palavra. Segundo.

Assim, como também as disciplinas de Filosofia, História da Educação, Sociologia da Educação, Didática I e II; Princípio e Métodos da Educação Infantil II e as Prática pedagógica I, II, III, IV, V. Foram as disciplinas que mais contribuíram na elaboração desta temática. Com a minha participação no Programa Residência Pedagógica.

O Programa Residência Pedagógica é fundamental na formação acadêmica, no qual os objetivos fazer que o futuro profissional tenha uma experiência real como é de fato trabalho nas escolas, ou seja, o cotidiano no espaço escolar. Através de minha observação e cooperação auxiliando o professor na sala aula, dando-nos assim uma experiência como se comportar na sala de aula, de como lida com os alunos, como resolver um problema entre colegas, tudo são conhecimentos que somente quem participa desse programa, tem convivido, com os fatos, acontecimentos que acontece no ambiente escolar.

Seminário de Língua Portuguesa: foi ministrada no estudo, a grande necessidade do ensino da leitura no ensino. Falta de comprometimento por parte da gestão, apenas uma parte se preocupa com o aprendizado do aluno; Assim, como os eventos, palestras que foram realizadas pelo curso de Pedagogia, foram fundamentais na minha formação, em ver a realidade como ela é de fato, assim, como também na sala de aula, pois sem a leitura o homem é um ser não informado.

1.2 OS MOTIVOS DA ESCOLHA TEMÁTICA

Durante a minha formação, diante das experiências obtidas, principalmente durante os estágios e também pelas oportunidades que já estive trabalhando na sala de sala de aula, em uma escola municipal. Pela ausência de um método de ensino; uma sala de aula criativa; falta de incentivo; pela falta de profissionais capacitados; pela falta de criatividade dos professores; pela falta de espaço especificamente destinado à leitura, a falta de livros na nas escolas e pela falta de compromisso da escola, do professor, da família e inclusive do próprio aluno. Que respectivamente serão abordados em seguida. Foi o que me fez refletir e me interessar pela temática, para puder contribuir com as escolas e professores futuramente.

A ausência de uma metodologia de ensino Construtivista, voltada ao ensino da leitura, com uma tendência pedagógica progressista, assim como será abordado posteriormente. Não aquela que o docente vai para sala de aula somente copiar no quadro negro e fazer o aluno memorizar a tabuada. Dessa forma jamais uma escola vai prosperar, ou seja, apenas estará fazendo o aluno memorizar e não ensinando o aluno a aprender. A sala de aula deve ser o ambiente estimulador e o professor seu colaborador, oferecendo aos alunos oportunidades para serem bons leitores, fazendo interferências a partir do conhecimento prévio e explorando a heterogeneidade do grupo.

Há ausência de biblioteca com vasto arsenal de livros. É preciso urgentemente, a escola sair desse acomodo, em dizer que está tudo padronizado, que de fato não estar. Pois a biblioteca escolar é uma midiateca, chegar a ser um centro educativo, caso ocorram mudanças pedagógicas na organização do trabalho na escola para a criação de situações reais de leitura, pois em qualquer de suas funções, a leitura tem na biblioteca um de seus espaços mais naturais para educar na leitura e no domínio autônomo dos caminhos de acesso a informação e a sua seleção, desafio educativo absolutamente imprescindível em uma sociedade como a

nossa, na qual o crescimento da informação disponível não deixa de aumentar de forma espetacular, ao mesmo tempo em que se multiplicam as formas de acesso a ela.

O incentivo tem que partir dos professores, ou seja, o professor que não ler, que não gosta ler, não é um professor. O professor é aquele que realmente vai em busca de alternativa, um verdadeiro pesquisador, que cada dia traz para sua sala uma gama de formas de ensinar, métodos diferenciados, não somente o monótono repetitivo. Como afirma Antunes (2001, p. 24): “O grande professor será aquele que se preocupa em ensinar o aluno a ler e compreender um texto e a se expressar com lucidez”.

Com a maneira correta de ensinar, os alunos sentirão interesse em procurar questionar o porquê, é dá oportunidade, conhecer o aluno, ou seja, se colocar no lugar do aluno, procurar saber os motivos, conviver a realidade de cada um, da comunidade. Há necessidade de professores capacitados, formados, na área específica do ensino, da disciplina da língua portuguesa. Por exemplo, um professor formado, um especialista em Matemática, pode não ter o mesmo domínio que o professor de língua portuguesa. Para assegurar que a necessidade de profissionais na área de Língua Portuguesa e comprovar, foi feito um questionário aos professores, quais áreas de ensino eram formados, dos quais apenas quatro professores retornaram o questionário respondidos, segundo professor SD - “*Licenciatura em matemática e Especialista em Educação matemática.*”, professor RH - “*Em matemática*” professor KN - “*Licenciado em Biologia e Química*” e o professore PC - “*Licenciada Biologia Química*”. E, também pelas tristes e lamentáveis cenas presenciadas durante o meu estágio de práticas, a necessidade de estratégia renovadora na maneira de como puder ensinar a criança de uma forma lúdica e atrativa. Incentivar o gosto e a paixão dos alunos para que possam tirar proveito pessoal da leitura precisa ser objetivo de toda a escola.

É muito importante que a escola contribua para a preparação de alunos capazes de participar como sujeito do processo de desenvolvimento da aprendizagem entende que o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizado, mas um processo que deve contribuir para a formação de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade. Fazer da leitura algo constante no ambiente escolar, levando o aluno a ter contato com variadas obras auxilia o desempenho destes em relação a diversas atividades futuras.

O ato de ler precisa levar a criança à compreensão do assunto lido e não simplesmente repetição de informações, para que assim, criticamente, possa se dar a construção do conhecimento e a produção de qualquer outro texto. (OLIVEIRA E QUEIROZ, 2009, p.2).

Infelizmente, as escolas formam poucos leitores e o gosto pelo livro ainda é uma dificuldade em nosso país. Pois os professores insistem em ministrar literatura como atividades didáticas. Assim sendo, projetos ou atividades de leitura por prazer devem: Despertar o imaginário, a fantasia; desenvolver a escuta atenta; propiciar situações de leitura em voz alta pelo professor e pelo aluno; Preferência por textos literários; envolver outras linguagens como: música, pintura e cinema; propor leitura individual para estimular preferências e formar leitores autônomos; por último, sempre criar desafios para o aluno.

É preciso uma transformação no modo de ensinar, nessa perspectiva os discentes, que serão os futuros profissionais, precisam adquirir conhecimentos que venham acompanhá-lo em sua vida profissional. Quanto decepcionante e lamentável se depararmos com a criança que não saber escrever uma simples palavra presente no dia a dia, nem tão pouco ler uma palavra monossílaba, mesmo estando cursando o 5º ano dos Anos Iniciais. A leitura deve ser estimulada na vida das crianças desde cedo, mostrando a elas livros e imagens coloridas, despertando assim, um mundo de fantasia e imaginação. Se a prática da leitura for iniciada quando as crianças ainda forem pequenas, provavelmente se desenvolverão melhor socialmente, cognitivamente e afetivamente.

O ato da leitura proporciona ao leitor, um momento de lazer, onde ele compreende melhor o mundo e amplia seus conhecimentos. Foi nessa ótica social, que por meio desse trabalho venha contribuir com a formação de bons leitores e não leitores bons. Pois a leitura nos anos iniciais é de suma importância para o desenvolvimento intelectual, ético e social, tanto quanto os alunos brancos quanto aos indígenas. Pois é necessário ler muito, continuada e constantemente, os conhecimentos que adquirimos, a maior parte é obtida por intermédio da leitura.

É necessária para a criança, pois com ela se faz o poder de desenvolver o raciocínio, o senso crítico, a capacidade de interpretação, estímulo a imaginação, proporcionando a descoberta de diferentes hábitos, amplia o conhecimento e enriquece o vocabulário dentre outros. Ler significa conhecer, interpretar, decifrar, distinguir os elementos secundários e, optando pelos mais representativos e sugestivos, utilizá-los como fonte de novas ideias e do

saber, através dos processos de busca, assimilação, retenção, crítica, comparação, verificação e interrogação do conhecimento. É essencial, indiscutível, pois a leitura deve conduzir à obtenção de informações tanto básicas quanto específica.

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E A METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente relatório tem o objetivo de esclarecer e enriquecer o aprimoramento e colaborar com os futuros educadores, pesquisadores que se interessa em ampliar suas mais possíveis necessidades a importância da leitura Nos Anos Iniciais.

2.1 A LEITURA E O ENSINO FUNDAMENTAL

Leitura é um ato de ler, ou seja, ler a contraparte do ato de escrever, que como tal, se complementam. É o meio de que dispomos do ato de adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade. Por meio da leitura o homem torna um ser mais intelecto, no sentido de conhecer o que está oculto em livro, pode até ver belas imagens, desenhos, de vários tipos, podendo achar lindas as imagens, mas não souber realmente o que representam o que apresenta a imagem. É nesse instante que a leitura que a leitura faz e se encontra, basta expressá-lo. Dá-nos a possibilidade de compreendermos o sentido do que também queremos compreender as coisas do homem.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me sentir levado e até gostosamente.

A importância do ato de ler, eu me senti levado. e até gostosamente a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardamos na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo. (FREIRE, 1993, p.11)

Como aprendermos ou como aprendemos a ler, somente vendo, ouvindo um jornal, assistindo um telejornal, ou simplesmente, ouvindo um som, óbvio que não, pois a leitura

compreendida e interpretada, ela começa quando passamos por processo, e esse processo é a maneira correta, dinâmica de termos uma leitura de qualidade. O qual pode usar o método fônico, a sua finalidade é de nos fazer todas as letras, palavras, com sentido próprio e significativo. Aprender a ler não é somente um processo cognitivo, mas também uma atividade social e cultural, essencial e preciso para a criação de vínculo entre conhecimento cultural e a sociedade. A leitura é o meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade. Paulo Freire nos lembra, a propósito, ainda que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Segundo Freire,

para que o ensino e a prática aconteçam de forma efetiva, teoria e prática precisam naturalmente ser conduzidas concomitantemente, esta é uma necessidade indispensável para a emancipação e realização humana. No entanto, este não é um limite da consciência, este é um passo inicial que fomenta a formação de sujeitos críticos capazes de entender a atividade reflexiva conectada à ação social, tornando-se inseparáveis na formação histórica dos sujeitos. (FREIRE, 1987. p. 125)

Leitura é o meio mais importante para a aquisição de saberes na formação de um cidadão crítico para atuar na sociedade. O ato de ler é uma forma exemplar de aprendizagem. Durante o processo de armazenagem da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidade de pensamentos em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem constitui, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. A contínua repetição desse processo resulta num treinamento cognitivo de qualidade especial. (CARLETI, 2007, p.2).

A leitura é algo fundamental para aprendizagem das pessoas, pois é através da leitura que podemos enriquecer nosso vocabulário, e obter conhecimento. Sobre essa compreensão de sentidos, temos ainda o que rezam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas (...). O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos. (BRASIL 1998. PCN – 3º e 4º ciclos. Brasília, MEC, p. 69/70).

Segundo Brandão e Micheletti(2002), ressalta que a leitura:

É um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade. (BRANDÃO E MECHELETTI, 2002, p.9)

Pois é através do ato de ler que o homem interage com os outros homens por meio da palavra escrita. O leitor é um ser ativo que dá sentido ao texto. A palavra escrita ganha significação a partir da ação do leitor sobre ela. A leitura é um processo de compreensão de mundo que envolve características essenciais singulares do homem, levando a sua capacidade simbólica e de interação com outra palavra de mediação marcada no contexto social. Assim, um texto só se completa com o ato da leitura na medida em que é atualizada a linguística e a temática por um leitor. Como destaca os parâmetros curriculares nacionais, instrumento norteador de apoio às práticas pedagógicas, no tópico prática de leitura, apresenta a seguinte definição para a leitura:

À leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero do portador, do sistema de escrita. (PCN, 2001, p.53)

Leitura de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacional-PCNs (1997, p 53) [...] "É um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor e de tudo o que sabe sobre a língua". Não se trata apenas de extrair informações da escrita, decodificando-a, letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituído antes da leitura propriamente dita.

Qualquer leitor que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê. A leitura vai nos agradar ou desagradar, fazer rir ou irritar, é uma informal; sem maiores compromissos analíticos, é uma leitura superficial. Leitura intelectual, é essa leitura começa por um processo de análise que procura detectar a organização do texto, percebendo como ele constitui uma unidade e como as partes se relacionam para formar essa unidade.

Mas não se limita a analisar estruturalmente o texto, mas buscar a intencionalidade do autor desse texto, procura saber por que o autor escreveu, qual sua finalidade, qual a mensagem que ele quis transmitir. Essa leitura implica uma atividade crítica voltada não para a compreensão do conteúdo do texto, mas principalmente ligada a investigação dos procedimentos de quem o produziu.

Enquanto processo a leitura de um texto está embasada em noções, mas amplas compostas pela vivência que o leitor possui no mundo, além da habilidade em compreender a linguagem e o vocabulário. O hábito de leitura e a constante observação daquilo que o cerca, dão ao leitor mais facilidade de entendimento e o domínio sobre o conteúdo. A leitura, a capacidade de reconhecer símbolos alfabéticos e também o hábito de fazer regularmente, tem a sua história intimamente relacionada com a história do modo como a conhecemos, já que antes dos meios de transmissão do conhecimento da era da eletricidade surgirem, a leitura fora a única forma dessa transmissão para além da tradição oral.

Para Bamberger (1987, p. 92) "o desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora, através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das escolas". Portanto a leitura é de extrema importância na vida do indivíduo do momento em que o mesmo adquire o hábito e

faz da leitura um momento de prazer e de conhecimentos de novas culturas, é através dela que conseguiremos melhorar o nosso vocabulário e de ver a nossa realidade diferente.

O fenômeno da criação de biblioteca, contudo, não criara ao seu redor, nem na Grécia, nem em Roma, um universo de leitores. Em Atenas, segundo Aristóteles, apesar da circulação limitada de livros, a maioria dos atenienses, ainda que alfabetizadas rudimentarmente, só se utilizava desse conhecimento para os negócios e para a administração do patrimônio e para a política. (CANFORA, 1989, p. 930).

Em Roma, a moda de grandes bibliotecas particularmente iniciada por Sitas e Lúculo no início do Império, também não significava uma generalização do hábito da leitura. A biblioteca de Lúculo, (próprio nome do dono da biblioteca clássica grega), continha essencialmente obras clássicas gregas, acessíveis somente aos eruditos romanos bilíngues, como Cícero e o próprio Lúculo.

Eventualmente, próximo do fim do Império, essas bibliotecas particulares passaram a ser um aspecto decorativo do domus de alguns cidadãos romanos que, apesar do esforço – capitaneado por Cícero – de tradução para o latim dos clássicos, não tinham o hábito de ler. Sêneca e Plínio, o moço lamentava a decadência do interesse pela leitura, tanto individual (nas bibliotecas particulares), quanto as leituras públicas, realizadas nos palácios e nas bibliotecas, como a de Alexandria (Canfora, 1989^a: 936). Foi em virtude do cristianismo que, durante a Idade Média, as técnicas pedagógicas de ensino da leitura se multiplicaram. A história da leitura nesse período é possibilitada pelo que remanesceu dessas técnicas. O ensino da leitura era feito visando principalmente a orações e os textos religiosos, sendo as bibliotecas mantidas quase que exclusivamente nos mosteiros.

Mas também durante a Idade Média, a leitura era indissociável da palavra e da repetição – particularmente no início do aprendizado, seguindo um dos textos mais utilizados no processo de ensino: Em latim: o verso *domine, lábia mea apenes...*], que significa, Senhor, abre meus lábios, [e minha boca publicará tuas palavras] (ALEXANDRE- BIDON, 1989-988). Porém, não foi Gutemberg quem de fato revolucionou a leitura no Ocidente, já que, ao menos inicialmente, a prensa de tipos móveis não provocou nenhuma grande revolução na forma do livro ou no modo de leitura. As mudanças de forma, do rolo (volumen) para o livro organizado em páginas costuradas (códex), os sinais identificadores de páginas, as notas de rodapés, todos precedem a invenção da prensa (Chartier, 1988, p. 16 -18).

A grande revolução da leitura localiza-se, segundo Roger Chartier, a partir do século IX, nos mosteiros, e a partir do século XIII, universidades europeias e daí para a sociedade leiga. Em essência, é a leitura silenciosa a grande mudança no modo de ler que Chartier identifica como revolucionária:

A leitura silenciosa de fato estabelece mais livre, mais concreto e totalmente privado com a palavra escrita. Permite uma leitura mais rápida. Que não é impelida pelas complexidades da organização do texto e o. <; relações estabelecidas entre o discurso e as glosas; as citações e os comentários, o texto e o índice. Também permite usos diferenciados do mesmo livro: dado o contexto ritual ou social, ele pode ser lido alto para ou com outras pessoas ou pode ser lido silenciosamente para si mesmo no abrigo do estúdio, da biblioteca ou do oratório. (CHARTIER, 1988, p. 18-19).

Assim, para Chartier, a revolução na leitura precedeu a revolução do livro. Esta última substituiu, em princípios da Idade Moderna, o livro manuscrito pelo livro impresso, composto com tipos móveis. E há ainda uma outra revolução anterior, aquela que substituiu o rolo de leitura pelo códex, tenha sido igualmente importante, mesmo se legitimamente imaginemos que a nova forma dada à palavra escrita foi trazida à tona por uma nova forma de leitura nas comunidades cristãs. (Chartier, 1988).

Desta forma, a leitura passou a ser uma atividade comum a uma fatia mais ampla da sociedade, fosse porque mais pessoas alfabetizadas- particularmente após a laicização do ensino iniciada na Revolução Francesa- passaram a ter possibilidades de adquirir livros, fosse porque a leitura, até fins do século XVIII, era muitas vezes a leitura pública, com dez leitores reunidos em torno do texto lido em voz alta: a leitura é aqui a audição de uma palavra lida. (CHARTIER, 1990, p. 124). "Ainda, a leitura aprendida bastante cedo, entre os três e quatro anos era resultado de um processo de instrução que começava ouvindo-se os outros lerem em voz alta e memorizando." (HALL, 1989, p. 29). Na palavra de Robert Darnton,

a leitura não se desenvolveu em uma só direção, a extensão. Assumiu muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais em diferentes épocas. Homens e mulheres leram para salvar suas almas, para melhorar seu comportamento, para consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimento dos acontecimentos de seu tempo, e ainda, simplesmente para se divertir. (DARNTON, 1989, p. 212)

O Ensino Fundamental é parte integrante, deve assegurar a todos a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e oferecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores, como assegura a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional-LDBEN no 9394/96, o Ensino Fundamental é obrigatório com duração de nove (9) anos, gratuito na escola pública, iniciando aos seis (6) anos de idade [...] terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (LDBEN no 9394/96).

A Resolução CNE/no 7 (sete), de 14 de dezembro de 2010, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove (9) anos, no Art. 5º, prescreve: "A educação ao proporcionar o desenvolvimento do potencial humano, permite o exercício dos direitos civis, políticos, sociais e do direito à diferença, sendo ela mesma um direito social, e possibilita a formação cidadã e o usufruto dos bens sociais e culturais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental explicam a diferença entre a interdisciplinaridade e transversalidade da seguinte forma: A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzido por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles – questiona a visão compartilhada disciplinar da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu. Refere-se, portanto, a uma relação entre disciplina.

A transversalidade diz respeito a possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). Quando a leitura é sem continuidade e reflexo na vida funcional do leitor, torna-se unívoca e envolve uma única direção; que se move e se propaga nesse caminho único, não configurando um ato de crescimento e construção de conhecimento.

Se a leitura é vista apenas no aspecto informativo, perde a sua carga de significado e emoção, levando o leitor à evasão, devido à dificuldade de compreensão de realidade que não é vivenciada por eles. As crianças que têm o hábito da leitura incentivado desenvolvem

melhor seu senso crítico e possuem rendimento escolar alto, pois ler ajuda a criar familiaridade com o universo da escrita, essa aproximação facilita a alfabetização e contribui para estimular a criatividade e as habilidades linguísticas, de memória e conhecimento, dessa forma, o melhor que a escola pode oferecer aos seus alunos deve estar voltado para o universo da leitura.

Portanto, o papel da escola como ambiente motivador em potencial para os futuros leitores. Dessa maneira, o ambiente escolar deve ser preparado e pensado para proporcionar inúmeras interações com a língua oral e escrita. Para isso, é necessário que os educadores, especificamente alfabetizadores, estejam engajados para o incentivo desse hábito no cotidiano da criança, fazendo com que os livros não façam parte apenas no âmbito escolar, e sim, acompanhe-as nas instâncias da vida.

A leitura é uma maneira de se aprender o que é escrever e qual a forma correta das palavras. Para conseguir esse objetivo da leitura é preciso planejar as atividades de tal modo que se possa realizar o que se pretende. A leitura não pode ser uma atividade secundária na sala de aula ou na vida, uma atividade para qual o professor e a escola não dedicam mais que alguns míseros minutos, na ânsia de retornar aos problemas da escrita, julgados mais importantes. (CAGLIARI, 2010, p.147).

A escola precisa priorizar a leitura, e se preocupar menos com as questões a ortografia, pois muitas dificuldades de aprendizagem são decorrentes da falta de leitura, o que se ensina na escola está diretamente ligado a leitura, a compreensão do que se lê e conseqüentemente o que se desenvolve a partir dela. Segundo Freire (1999, p. 29), [...] percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz, com a viva a certeza de que faz de sua tarefa docente não apenas ensinar conteúdos, mas também ensinar a pensar certo.

Desenvolve a capacidade intelectual do indivíduo e a criatividade e deve fazer parte do cotidiano. Os primeiros contatos do indivíduo com a leitura são de fundamental importância para suas percepções futuras, pois interferem na formação de um ser humano crítico, capaz de encontrar as possíveis resoluções para os problemas sofridos pela sociedade a qual se pertence. Sendo assim, a reflexão sobre o ensino e incentivo da leitura é indispensável nos dias de hoje.

Nunca é demais lembrar que a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão, pelas deferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são suas obrigações e pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz (SLVA, 2003, p. 24)

No Ensino Fundamental, o professor deve despertar no aluno o prazer da leitura, escrita, norteando – o na inserção de novos elementos e recursos textuais conforme seu crescimento intelectual. Entretanto, cabe ao professor trabalhar com extremo cuidado esse tipo de exercício, ressaltando para o aluno a importância dos aspectos coesivos e coerentes inseridos no texto.

Portanto, é no Ensino Fundamental que começar o processo de conscientização de professor e alunos no sentido de buscar e usar a informação, na direção do enriquecimento intelectual, na autoinstrução. Isso significa que não podemos admitir, nos tempos de hoje, um professor que seja um mero repassador de informações. (VYGOTSKY, 1989, p 168)

Mas um profissional que procura cada dia se aprimorar, buscando se renovar, se aperfeiçoando o seu currículo histórico como um verdadeiro pesquisador, um formador de ideias, de conhecimentos. (ANTUNES, 2001, p. 24) afirma: O grande professor será aquele que se preocupa em ensinar o aluno a ler e compreender um texto e a se expressar com lucidez. A década de 1990 foi marco de uma reforma educacional que teve como um de seus eixos principais a mudança da organização curricular no país na qual foram definidas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica. Essas Diretrizes determinaram as bases filosóficas e metodológicas, a partir das quais deveriam desenvolver-se os currículos nos sistemas estaduais e nas escolas. As Diretrizes Curriculares Nacionais definiram as áreas de conhecimento sendo: Linguagem, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso para o Ensino Fundamental e as áreas de Linguagem, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas para o Ensino Médio. O Plano Nacional de Educação (PNE 2011 – 2020) em consonância com o que estabelece a Constituição Federal de 1988 e a LDB 9.394/96 concebem a educação como direito de todos, alicerçada na ética e nos valores da

solidariedade, liberdade, justiça social e sustentabilidade, cuja finalidade é o pleno desenvolvimento de cidadãos críticos e comprometidos com a transformação social.

Diante dos desafios da Educação Nacional, temos: Extinguir o analfabetismo, inclusive o alfabetismo funcional; universalizar o atendimento público, gratuito, obrigatório e de qualidade da Pré-escolar, Ensino Fundamental, de nove (9) anos e Ensino Médio; Garantir oportunidades, respeito e atenção educacional às demandas específicas de estudantes com deficiência; jovens e adultos defasados na relação idade escolaridade; indígenas; afro-descendente; quilombolas e povos do campo. Implantar a escola de tempo integral na educação básica, com projeto político pedagógico que melhore a prática educativa, com reflexos na qualidade da aprendizagem e da convivência social.

Essas bases legais reafirmam a necessidade e a obrigação dos Estados elaborarem, observando as diretrizes nacionais, parâmetros claros no campo curricular capazes de orientar as ações educativas, de forma a adequá-lo aos ideais democráticos e a busca da melhoria da qualidade do ensino nas escolas brasileiras. No âmbito pedagógico e metodológico, conforme definido na LDB, os princípios norteadores da organização curricular são a interdisciplinaridade e a contextualização no trabalho e no exercício da cidadania. Todo esforço até então realizado tinha como foco oferecer aos estudantes uma formação que complete os princípios da contextualização e interdisciplinaridade; estabelecer o ensino por competências, habilidades e atitudes; sugerir conteúdos significativos, aplicar a avaliação formativa; promover o respeito à diversidade, a cultura e as peculiaridades regionais.

A leitura deve estabelecer relação com a realidade, para que se torne desejável e aguace criatividade, e a escola é a responsável por criar as condições as quais desenvolvam no indivíduo a capacidade de aprender a aprender, estruturando suas práticas pedagógicas com vistas à formação moral e social do indivíduo, incluindo a estruturação de um sistema contínuo de troca de informações, que incentive a autonomia intelectual, tornando-o um leitor crítico- analítico, com uma compreensão mais profunda e clara do contexto do qual faz parte.

2.2 EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

A educação é um processo vital, para o qual concorrem forças naturais e espirituais, conjugadas pela ação consciente do educador e pela vontade livre do educando. Portanto, educação é uma ação e efeito de educar, de desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e

morais da criança e, em geral do ser humano, disciplinamento, instrução e ensino. Constitui-se em um ato coletivo, solidário, uma troca de experiências, em que cada indivíduo discute suas ideias e concepções.

Educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não encontram ainda preparada para vida social; tem o objetivo suscitar e desenvolver na criança certo número de estado físico, intelectuais e morais; reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio espacial que a criança particularmente se destine. (DURKEIM, 1955, p 42). Está presente em lugares diferente e próprios, com seus princípios éticos, pedagógicos e científicos.

Existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram. Existe entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais de sua dominância. Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes, sem livros e sem professores especialistas; mas adiante com escolas, salas, professor e métodos pedagógicos.

A educação é um direito do cidadão e dever do Estado em amparar o homem à uma educação de qualidade, mas que está dividida em duas categorias: particular e a privada. Pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem; como trabalho e a vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como as armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos.

De acordo com a LDB, no Art. 205, educação direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua classificação para o trabalho e Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: III- pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas e coexistência de instituições pública e privada de ensino.

Entretanto, ambos os sistemas têm um só objetivo de ensinar o homem a lidar com o ambiente, a sociedade e possa interagir, participar em prol a uma educação que ensine de fato, quão grande importância na vida humana, ela é a principal dívida que recebemos neste mundo, ainda quando estávamos no ventre de nossa mãe. Mas que é preciso um

acompanhamento e orientações, os quais receberam primeiramente dos seus pais, família, e posteriormente no decorrer da vida, quando começamos a fazer os primeiros rabiscos, nos primeiros dias de aula. Mas, na prática, a mesma educação que ensina pode deseducar, e pode ocorrer o risco de fazer de fazer o contrário do que pensa que faz, ou do que inventa que pode fazer:

[...] eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros. Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão oferecemos aos nobres senhores de Virgínia que nos enviem alguns de seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos deles, homens (BRANDÃO, 1981, p. 9)

A educação tem como objetivos de construir, criar, formar e mudar uma nação, um povo, uma comunidade, a sociedade, portanto, preservando suas crenças, seus costumes, suas tradições, a conquista de melhores oportunidade, tanto financeira, econômica e intelectual. Todos os agentes desta educação de aldeia criam de parte a parte as situações que direta ou indiretamente, forçam iniciativas de aprendizagem e treinamento.

A educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar – e – ensinar. Segundo a LDB no Art. 19 – A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim: a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado e da família e dos demais grupos que compõem a comunidade; o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem; o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional; o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum; o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio; a preservação do patrimônio cultural; a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como qualquer preconceitos de classe ou raça. (Lei 4024, 20 de dezembro de 1961); O direito a educação é assegurado: pela obrigação do poder público e pela liberdade de iniciativa particular de ministrarem o ensino em todos os graus, na forma da lei em vigor; pela obrigação do Estado de fornecer recursos indispensáveis para que a família e, na falta desta, os demais membros da comunidade se

desobriguem dos encargos da educação, quando provada a insuficiência de meios, de modo que seja asseguradas iguais oportunidade a todos. (Art. 29 e 39, lei 4024, 1961).

O fim da educação é desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição de que ele seja capaz. O fim da educação, são os interesses da sociedade ou de grupos sociais determinados, através do saber que forma a consciência que pensa o mundo e qualifica o trabalho do homem educado. Segundo Paulo Freire, a educação é ideológica, mas dialogante, pois só assim pode estabelecer a verdadeira comunicação da aprendizagem entre seres constituídos de almas, desejos e sentimentos. (FREIRE, Ângela. 2008, p 2).

Como mencionado anteriormente a educação começa ao germinarmos e os professores são intermediadores como afirma Vygotsky, professora ao elaborar não utiliza o conhecimento prévio dos alunos, fazendo uso apenas dos conceitos científicos. Durante o planejamento a professora visa cumprir com todos os conteúdos não proporcionando espaços para os alunos questionarem ou fazerem suas colocações. Mesmo tendo a classe disposta em grupos não é permitido que os alunos conversem entre si, fazendo troca de ideias e conhecimento, não permitindo que haja interação, ou seja, participação da turma.

Os professores devem ser vistos como mediadores, aquela pessoa que impulsionam, que estimulam valorizando o potencial do aluno, avaliando as capacidades dos alunos, e não como umas pessoas autoritárias que somente passa o conteúdo aos alunos, avaliando aquilo que já internalizaram. É um erro pensar a educação como algo deslocado da vida cotidiana, para que ocorra uma educação verdadeira é necessário que esta seja transformadora no sentido de promover o respeito pela diferença, não homogeneizar padronizando a todos.

Segundo (BRANDÃO, 1981, p. 10),

à educação acontece no tempo e fora de tempo, não há momento para acontecer [...] acontece em todas as etapas da vida cotidiana dos grupos sociais, que a criam e recriam entre tantas outras invenções da cultura em sociedade. Enfim a educação está literalmente dentro mim, de você, em cada um de nós. Somos responsáveis cidadãos, por uma sociedade organizada, basta termos pequenas atitudes, com grandes objetivos a ser concretizado.

Para falar como a educação indígena surgiu ou teve seu princípio. É bastante complexo quando se fala em educação indígena e em especial, quando se trata em conceituar

a educação indígena, pois tem que ser com muita cautela. Pois a educação indígena ela é referencial com padrões de aprendizagem, são práticas, em que o ensino também é amparado pela LDB. Em que cada dia, pessoas, líderes indígenas, estão reivindicando, que a educação realmente seja uma educação de qualidade na prática, não apenas no papel. Ladeira (1981, p.171) destaca que o uso da língua indígena inicialmente na alfabetização é um recurso para a revitalização da cultura própria da etnia.

A justificativa da alfabetização na língua indígena como um mecanismo significativo de reforço e coesão étnica, de valorização da cultura indígena, repousa nas afirmações do tipo: “é importante para o índio ver que sua língua vale tanto quanto a do branco” ou a “língua indígena escrita está mais próxima da estrutura do pensamento indígena, e assim é capaz de melhor reproduzir os mitos, a sua cultura” (LADEIRA, 1981, p. 171).

As lideranças indígenas distinguem a educação indígena da educação escolar, uma vez que a educação indígena é considerada como a principal responsável pela aquisição das tradições, costumes e saberes específicos existentes na tribo, ou seja, da própria etnia a qual o indígena pertence. A educação indígena se caracteriza pelos processos tradicionais de aprendizagem de saberes e costumes característicos de cada etnia. Estes conhecimentos são ensinados de forma oral no dia a dia, nos rituais e nos mitos. Entretanto, várias etnias indígenas têm buscado a educação escolar como um instrumento de redução da desigualdade, de afirmação de direitos e conquistas e de promoção do diálogo intercultural entre diferentes agentes sociais.

O MEC (1998, p. 24 e 25) determina como características principais da educação indígena: ser comunitária, pois é conduzida pela comunidade indígena, de acordo com seus projetos, suas concepções e seus princípios; intercultural porque deve reconhecer e manter a diversidade cultural e linguística, promover uma situação de comunicação entre experiências cultura superior à outra e estimular o entendimento e o respeito entre seres humanos de identidades étnicas diferentes; bilíngue/multilíngue porque a reprodução sociocultural das sociedades indígenas é, na maioria dos casos, manifestados através do uso de mais de uma língua; específica e diferenciada porque concebida e planejada como reflexo das aspirações particulares do povo indígena e com autonomia em relação a determinados aspectos que regem o funcionamento e orientação da escola não indígena.

A escola entrou na comunidade indígena como um corpo estranho, que ninguém conhecia. Quem a estava colocando sabia o que queria, mas os índios não sabiam, hoje os

índios (os mais nativos) ainda sabem para que a escola sirva. O corpo estranho foi homem branco, como conhecedores, os jesuítas foram os pioneiros a ensinar o índio, inclusive no seu próprio habitat, em suas aldeias. E esse é o problema. A escola entra na comunidade e se apossa dela, tornando-se dona da comunidade, e não a comunidade dona da escola, agora nós índios, estamos começamos a discutir a questão. (Bruno Kaingang. Apud FREIRE, 2004, p.28).

Seria errôneo dizer que o indígena tem um objetivo, quando se tem vários objetivos, portanto, o mais destacado é ter os mesmos conhecimentos que os branco. Sempre de acordo com as leis que o garante igualdade a todos, indistintamente de cor, raça, língua. Todos temos direitos de ter uma educação de qualidade. Como exemplos temos irmãos indígenas mestrados, doutorado, prefeito, vereadores. Não por ser indígenas, sejam vistos diferente, mas todos são iguais, apesar da grande discriminação, preconceito que muito discente se deparam nas faculdades e universidades, mas isso esse conjunto de espaço, oportunidade e conhecimento adquirido por meio da educação. Analisando a pedagogia do dia a dia desta parentela, como as crianças são ensinadas, proponho entender como a educação indígena tão ampla conseguiu dialogar com a educação formal apresentada e proposta por não indígenas no espaço limitado da sala de aula.

A educação escolar, o aprendizado da língua não indígena, segundo eles é uma necessidade para conviver com a sociedade do entorno não indígena e conseguirem ter acesso aos programas sociais como bolsa família, luz para todos e outros programas sociais fundamentais para viverem em local tão precário de recursos naturais. Porém, eles não gostariam de mudar seu modo de ensinar seus pequenos.

A educação indígena é formada por várias etapas. A primeira acontece em todo o espaço da aldeia (os parentes vão e vem constantemente de uma a outra aldeia, a educação indígena pensada, entendida como um fato social total). E a outra a educação escolar convencional acontece dentro de uma instituição longe do ambiente a convivência da família. Essa escola foi planejada e continua sendo para transmitir conhecimentos específicos. A trajetória da educação escolar indígena está vinculada diretamente a história da colonização dos povos americanos pelos povos europeus. Aos povos ameríndios também os colonizadores tentaram impor uma educação pronta ancorada na cultura europeia. Desde os tempos da catequese missionária colonial, a educação dos índios tem sido motivo de caloroso debate na sociedade. Mas recentemente, este debate se intensificou principalmente quando da sanção de leis que obrigam o Estado brasileiro a assumir a proteção e a garantia dos direitos indígenas,

aí incluindo o direito a uma educação diferenciada. Então surge a abordagem intelectual para fazer dialogar com essas diferentes culturas.

A interculturalidade considera a diversidade cultural no processo de aprendizagem. Como já citado a educação indígena ela prioriza o modo como a educação pode educar, sem que suas raízes se ocultem, o seu modo de convivência. A escola deve trabalhar com os valores, saberes tradicionais e prática de cada comunidade e garantir o acesso a conhecimentos e tecnologias da sociedade nacional relevante para o processo de interação e participação cidadã na sociedade nacional. Com isso, as atividades curriculares devem ser significativas e contextualizadas às experiências do educando e de suas comunidades.

No século XX, com a criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), em 1910, a responsabilidade pelas relações com os povos indígenas e por uma escolarização passou para a esfera do Estado, embora articulado com missões religiosas, com as quais estabelecia convivência. Com o intuito de integrar esses povos a nação brasileira, a escola nas aldeias passou a ocupar papel importante no processo civilizatório, na formação de mão-de-obra e no povoamento de novas regiões. A Fundação Nacional do Índio (FUNAI), criada em 1967 para substituir o SPI, em linhas gerais manteve a mesma política indigenista que visava assimilar as populações indígenas à sociedade nacional. (CUNHA, 2009; LIMA, 1995; BERGAMASCHI, 2005).

Os anos 1970 são marcados por um movimento de luta pela demarcação das terras indígenas e pelo reconhecimento e preservação das diferenças étnicas. Inserida nesse movimento, a educação escolar indígena passou a ser tema de encontro de discussões que sistematicamente o que viria a constar futuramente na legislação específica referente a escola indígena. A Constituição Federal assegura as comunidades indígenas o direito de uma educação escolar diferenciada e a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. Cabe ressaltar que, a partir da Constituição de 1988, os índios deixaram de ser considerada uma categoria social em vias de extinção e passaram a ser respeitados como grupos étnicos diferenciados, com direito a manter sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições.

A Resolução no. 3, de 10/11/1999, do Conselho Nacional de Educação, que fixa diretrizes nacionais para o funcionamento das escolas indígenas, define como elemento básicos para a organização, a estrutura e o funcionamento da escola indígena: Segundo este novo modelo de educação indígena, a escola deve ser comunitária, intercultural, bilíngue,

específica e diferenciada. A coordenações das ações escolares e educação indígena está, hoje sob responsabilidade do Ministério da Educação, cabendo aos Estados e Municípios a sua execução.

A União deve apoiar técnica e financeiramente os sistema de ensino no provimento da educação intelectual as comunidades indígenas, desenvolvendo programa integrados de ensino e pesquisa. A proposta de uma escola diferenciada, de qualidade, representa uma grande novidade no sistema educacional do país e exige das instituições e órgãos responsáveis a definição de novas dinâmicas, concepções por uma inclusão no sistema oficial, quanto para que sejam respeitadas as suas particularidades. No que se refere às comunidades indígenas, está assegurada a utilização de suas línguas maternas, processo próprio de aprendizagem e, conseqüentemente, o desenvolvimento de currículos e programas específicos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais, para a Educação Escolar Indígena como um todo orgânico, será por estas Diretrizes específicas e pelas Diretrizes próprias a cada etapa e modalidade da Educação Básica, instituída nacional e localmente. O desafio é grande, mas unidos e apoiados em prol a melhoria da educação indígenas de qualidade, onde governo federal, estadual em parcerias, poderemos conseguir as nossas metas. A luta em prol a educação indígena foi árdua e continuamos lutando pelos nossos direitos em defesa de um país sem diferença, sem preconceito, em relação a educação escolar indígenas, que é um grande marco histórico na história do país.

2.3 PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Os recursos metodológicos usados na pesquisa formam construídos com o objetivo de proporcionar não apenas o registro da ação dos sujeitos no seu campo de trabalho, como também a reflexão sobre a ação, mediada pelo olhar de outros professores, num momento posterior. Que trouxe resultados positivos ao espaço pesquisado, como um incentivo, para que os professores se dediquem mais ao ensino da leitura.

Metodologia é a lógica dos procedimentos científicos em suas gêneses e em seu desenvolvimento, não se reduz, portanto, a uma "metrologia" ou tecnologia da medida dos fatos científicos.

A metodologia deve ajudar a explicar não apenas os produtos da investigação científica, mas principalmente seu próprio processo, pois suas exigências não são de submissão estrita a procedimento rígidos, mas antes da fecundidade na produção dos resultados (BRUYNE, 1991, p. 29).

A pesquisa tem como método a Fenomenologia, em que o método fenomenológico não se limita a uma descrição numérica. Como o aporte teórico metodológico fundante deste estudo por entender que ele oferece condições epistêmicas para compreender e interpretar este objeto para priorizar a percepção dos sujeitos. Portanto, parte da compreensão de nosso viver não de definições ou conceitos da compreensão que orienta a atenção para aquilo que se vai organizar.

Portanto, para estudar, descrever e interpretar as essências dos fenômenos que compõem o mundo no qual os sujeitos estão inseridos é preciso dar-se conta de que, antes mesmo de filosofia entrar em cena, os sujeitos já experimentam o mundo e mantem interações com outros sujeitos, que experimentam esse mundo. No entanto, os alunos conduzem o próprio aprendizado e aos professores cabe acompanhar o processo detectar o modo específico com que cada um demonstre a manifestação de seu potencial, ou seja, cada aluno, os eu rendimento, sua evolução de ter uma ótima leitura, dependerá do seu esforço, em aprimorar cada vez melhor na sua expressão, na fala.

Conforme a pesquisa ser descritiva. As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente são realizadas pelos pesquisadores, sociais, preocupados com a situação da prática. Ainda em relação à pesquisa descritiva, BANNA, afirma: que está tem como objetivo primordial à descrição das características de determinada pela população ou fenômeno ou então, o estabelecimento de relações entre as variáveis. (BANINA, 2013, p. 69).

As pesquisas descritivas possuem como objetivo a descrição das características de uma população, fenômeno ou de uma experiência. Por exemplo, quais as características de um determinado grupo em relação a sexo, faixa etária, renda familiar, nível de escolaridade, etc. Assim como pode acontecer em uma experiência amorosa (por exemplo. "se ele me beijou, é porque gosta mim"), a pesquisa descritiva pode estabelecer relações entre variáveis. Ao final de uma pesquisa descritiva, você terá reunido e analisado muitas informações sobre o assunto

pesquisado. A grande contribuição das pesquisas descritivas é proporcionar novas visões sobre uma realidade já conhecida.

Que por meio deste método fenomenológico, houve uma contribuição com a participação qualitativa, teve finalidade de ver a qualidade do ensino da leitura, como está sendo ensinados, quais métodos que usam para ensinar as crianças nos anos iniciais. Que os dados obtidos receberam um tratamento de abordagem qualitativa, que é uma abordagem, voltada a estudar a qualidade do trabalho de um determinado estabelecimento, neste caso, foi a qualidade do professor, em relação ao ensino da leitura.

Basicamente a pesquisa qualitativa é que busca entender os fenômenos específicos. Ela é mais participativa e menos controlável, dado que os participantes podem direcionar o rumo em suas interações com o pesquisador. Na abordagem qualitativa não podemos pretender encontrar a verdade com o que é certo ou errado, ou seja, devemos ter como primeira preocupação à compreensão da lógica que permeia a prática que se dá na realidade. O método de abordagem é o conjunto de procedimentos utilizados na investigação de fenômeno ou no caminho para chegar-se à verdade. Segundo (CERVO E BERVAN, 1983, p 23). Nesta pesquisa foi aplicada a pesquisa de campo, e a bibliográfica. A pesquisa de campo tem a finalidade e o objetivo de buscar conhecer os espaços importantes e peculiares do comportamento das pessoas na sociedade. Que teve esta pesquisa a forma de aproximar o pesquisador como espaço pesquisado.

Pode se tratar também de uma abordagem característica das ciências humanas e sociais, ou por qualquer outra interação com a comunidade, valorizando os instrumentos utilizados como, questionários e a observação, que posteriormente serão abordadas as suas relações com esta pesquisa. A pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações ou conhecimento acerca de um problema para a qual se procura uma resposta.

A pesquisa de campo propriamente dita, não deve ser confundida com as coletas de dados. Assim; É algo mais que isso, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado. (TRUJILLO, 1982, p. 229)

A pesquisa de campo tem algumas fases que inicialmente se realiza, como com uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto em questão a ser abordado. Esse estudo dará

informações sobre a situação do problema, sobre os trabalhos já realizados posteriormente e as opiniões, permitindo o estabelecimento de um modelo teórico inicialmente de referências, que auxiliará no estabelecimento das variáveis e na própria elaboração do plano geral da pesquisa. Já a pesquisa bibliográfica, tem caráter bibliográfico, uma que se utiliza livros, artigos, jornais, revista sobre o tema. A pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. (VERGARA, 2005, p. 48).

Que esta pesquisa o instrumento teve resultados e foram alcançados, que só através deles seria possível levantar dados e ter resultado, para conhecer como estar o trabalho referido na pesquisa, que foram a observação e o questionário. Foi aplicado 01 questionário, para cada uma das professoras, uma do terceiro ano; uma do quarto ano e uma do quinto ano. Que infelizmente tive apenas o retorno da professora do quarto ano, e um questionário para cada aluno. Portanto, a observação foi muito fundamental e necessária, que me fez refletir a dificuldades que os professores passam, devido não terem um método pelo que foi observado. Em que a observação. Ela consiste no observar.

Observar é aplicar a atenção a um fenômeno ou problema, captá-lo, retratá-lo como se manifesta. Situa-se a observação particularmente na fase inicial da pesquisa, mas perdura durante todo o processo, alternando-se com a experimentação, pois é necessário observar os resultados como se comportam o indivíduo no determinado estabelecimento, ou seja, o pesquisador, um observador participante, considerado parte essencial na pesquisa qualitativa. Como propõem; Definimos observação participante como um processo pelo qual mantem-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador Schwartz & Schwartz está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modicando e sendo modificado por este contexto. (SCHWARTZ & SCHWARTZ, 1955, p. 355).

No Questionário, o informante escreve ou responde por escrito questões cuidadosamente elaboradas. Tem a vantagem de poder ser aplicado simultaneamente a um grande número de informantes; seu anonimato pode representar uma segunda vantagem muito apreciável sobre a entrevista. Deve apresentar todos os seus itens com a maior clareza, de tal sorte que o informante possa responder com precisão, sem ambiguidade. As questões devem ser bem articuladas. É importante que haja explicações iniciais sobre a seriedade da pesquisa, sobre a importância da colaboração dos que foram selecionados para participar do trabalho

como informante e, principalmente sobre a maneira correta de preencher o questionário e de desenvolvê-lo.

Os informantes são alvos a que está direcionado a pesquisa, os que nesta pesquisa serão os sujeitos que em seguida será tratado. Esta pesquisa foi realizada na escola municipal Ebenezer, na comunidade indígena de Filadélfia. Durante a pesquisa foi uma recepção adequado, pela gestora, e pelos professores, inclusive pelos alunos. De modo geral os sujeitos foram fundamentais, pois eles foram o alvo para a construção desta pesquisa. O qual cada um teve a participação marcante, contribuíram e participaram, colaborando com entusiasmo e espontâneos.

A relação do sujeito com o mundo não é uma relação direta, mas mediada por instrumentos, que orientam a ação humana externamente e por signos, que a orientam internamente.

[...] o mundo é um ambiente visto com significado e a trajetória do comportamento do sujeito é determinada pela significação que este sujeito tem do mundo. O sujeito age e a sua ação é descrita através de palavras que dão significado a ação, à luz da interpretação subjetiva da situação. (FREITAS, 1998, p. 28).

Portanto, o sujeito é uma das fontes muito importantes nesta pesquisa, pois foi fundamental a participação do sujeito, que foi o meio, através deles foi criado, construído e descrito como está a situação do campo de pesquisa, que por meio desta pesquisa dará retorno para o campo. Óbvio, resultado que beneficiara o conjunto como um todo, alunos, professores, gestor, seja, o campo de pesquisa.

CAPÍTULO III

PRÁTICAS DE LEITURA PEDAGÓGICA DOCENTE INDÍGENA

3.1 O VALOR DO INCENTIVO A LEITURA NA SALA DE AULA

A leitura no ambiente escolar torna-se de suma relevância para todos os sujeitos do processo educativo envolvidos. Por esse motivo, passa a ser valorizada e incentivada pelos profissionais da educação que atuam na escola. A esse respeito o professor A afirma sobre a importância da leitura no sentido de que é para “desenvolver a capacidade das crianças e, de qualquer pessoa que lê, em torno de um vive, assim ela assimila com facilidade o que estuda e compreende”.

Percebe-se que é consenso na escola a meta de leitura ao término do ano letivo. Os professores se empenham em alcançar o resultado com o ensino da leitura, investindo principalmente, naqueles que têm mais dificuldades, aplicando os projetos de leituras definidos pela Secretaria Municipal de educação e pela escola. A leitura passa a ser na escola um objetivo comum para professores, gestores, pais e também alunos. Objetivando compreender sobre o interesse pela leitura por parte dos alunos, aplicamos um questionário na perspectiva de se ouvir a voz dos mesmos. 100% dos alunos "afirmaram" gostar de ler, como responde alguns deles, conforme a pergunta, se ele (a) gosta de ler: Aluno A - "Sim"; B- "Sim eu gosto muito de ler no quaisquer livros porque eu quero saber"; C-"Sim gosto ler"; D- "Sim gosto livros e meus agem"; E- "Sim"; F- "Sim"; G- "Eu gosto de lee por que e mais saber". Porém, eles demonstram vontade, entusiasmos de aprender, de maneira diferenciada, de forma dinâmica.

Para a gestora RK, não basta apenas gostar de ler, mas ler bem. Para ler bem, é preciso escrever corretamente as palavras, ou seja, a escrita conforme os grafemas e os fonemas da língua portuguesa do Brasil. O ensino da leitura tem por objetivo desenvolver a linguagem dos alunos nas escolas de educação básica. Para tanto, pensa-se a linguagem, não como um recurso que transita somente na disciplina de Língua Portuguesa do currículo escolar, mas como conteúdo. Essas considerações motivam e justificam este estudo, que privilegia a metodologia do ensino na construção de argumentos que revelam a importância de um trabalho coletivo dos professores. Foi nessa perspectiva, visando a melhoria, na qualidade do ensino da leitura que se investiu nessa pesquisa. A escola vem trabalhando juntamente com as parcerias, com os pais dos alunos, que são fundamentais, as suas participações no decorrer dos estudos de seus filhos. Pois, como os pais ficam mais tempo com seus filhos, onde eles possam incentivar a ler.

O incentivo por eles, juntando com o incentivo dos professores, os alunos têm incentivos necessários de gostar e dedicar a ler. Como o gestor (a) RK, fala no seu ponto de vista, a política é trabalhar em conjunto, como afirma: "No ponto vista a escola adotada de ensino aprendizagem diferenciada, dos membros da equipe gestora ao lado do diretor e do coordenador pedagógico. Ele é o primeiro responsável pelo desenvolvimento pessoal de cada aluno, dando suporte a sua formação como cidadão, a reflexão sobre valores morais e éticos e a resolução de conflitos".

Portanto, a reponsabilidade de ter uma boa leitura, não dependerá somente do incentivo dos professores, como dos pais, mas sim o educador terá um intermediador, depende do aluno, aderir o que a escola propôs em prol ao seu desempenho, nos seus estudos, inclusive, em ter um bom manejo da leitura. Nessa medida como visto a importância do incentivo da leitura para professora A- diz "A importância da leitura que as crianças desenvolvam habilidades para questionar, opinar do que estão conhecendo".

A leitura e a escrita são práticas que requerem que o aluno adquira competências específicas para que possa se apropriar do conteúdo lido de forma a significá-lo no seu a dia a dia. Nesse sentido, a escola, considerada como um dos importantes meios de construção e apropriação de conhecimentos ora reproduzidos, ora criados, tem o compromisso de implementar e desenvolver atividades que coloquem o aluno diante de desafios impostos pela leitura e interpretação de um mundo letrado no qual está inserido.

Os professores são os principais articuladores e promotores dessas práticas organizadas e planejadas de conhecimentos e reconhecimentos de um mundo letrado. A partir de um planejamento estruturado, segundo a diversidade de possibilidades linguísticas que a linguagem em suas múltiplas formas pode oferecer, e de atividades e estratégias capazes de abrir os caminhos para que cada forma de linguagem ganhe sentido para o aluno, o professor vai abrindo espaço para que os processos linguísticos possam ser assimilados e compreendidos.

Desse modo, a leitura no mundo surge como poderosa fonte de emancipação do aluno e dos professores como cidadãos que vivem em uma sociedade letrada e que exige, cada vez mais, conhecimentos dos sujeitos para que possam, por meio das interações feitas e dos diálogos estabelecidos, enfrentar os desafios lançados pelo mundo do trabalho, pela vida em família e em sociedade, pela educação em suas práticas educacionais, colocando-se de forma crítica- formativa e transformadora. Assim, aproximando-nos quando diz que:

Ler é está em outro mundo possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita (LERNER, 2008, p. 73).

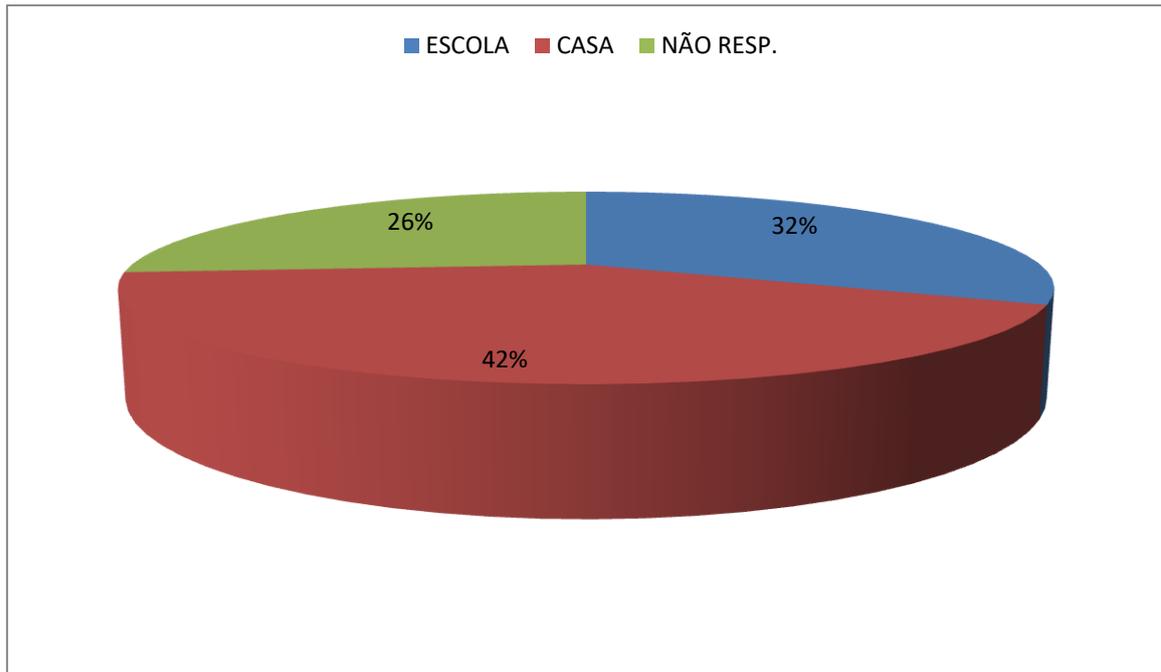
Kleiman (2000) fala que o leitor experiente possui duas características básicas que tornam a leitura uma atividade consciente, reflexiva e intencional e quando não consegue de imediato compreender o que lê, recorre a diversos procedimentos para tornar o texto inteligível, já que assimilado e aprendido tais recursos. Nessa perspectiva, chega-se à conclusão de que só se aprende a escrever, escrevendo, vivendo experiências positivas de leituras e de escrita, nas quais o aluno tem a possibilidade de compreender de fato o que lê e o que escreve. Assim:

É obrigação da escola, dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária: a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição: a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real. (SOARES, 2002, p. 6)

Estimular as práticas diversificadas da leitura, integrando diversos conteúdos e temáticas, de modo a levar o aluno a estabelecer uma intimidade positiva com os mais variados tipos de textos, percebendo sua beleza estética, comunicativa, cultural, informativa, científica. Planejando e orientando as práticas das leituras, deixando evitando o propósito e a intencionalidade da atividade: aquisição de um determinado conteúdo, entretenimento. Promovendo reflexões sobre a importância da leitura como forma de participação social e exercício da cidadania, contextualizando com situações da vida real.

Valorizando e utilizando os conhecimentos prévio, acumulados, apresentados pelos alunos, levando hipóteses, experiências, previsões e conhecimentos sobre o tema em questão, promovendo um debate oral. Usando estratégias, a partir da motivação apresentada pelo próprio professor para o tema abordado, que instiguem a curiosidade do aluno - "Para formar leitores devemos ter paixão pela leitura". (KLEIMAN, 2000, p. 15).

PRIMEIRO CONTATO COM A LEITURA



Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Esta pesquisa foi realizada oralmente aos alunos que estiveram presente na sala de aula, em dia do estágio. Na qual a turma tinha 15 alunos.

3.2 AS METODOLOGIAS UTILIZADAS NA PRÁTICA DA LEITURA

O tipo de metodologia, utilizadas em sala de aula versam sobre a tendência pedagógica interacionista e sociocultural construtivista. Portanto, observou-se produções textuais a partir da realidade das crianças, de suas vivências e experiências. Desenhos e pinturas eram sempre proporcionados aos alunos como incentivo a produção e leitura de textos. A proposta pedagógica da Escola Municipal Indígena Ebenezer, em seu artigo 31, leva em conta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, a Constituição Brasileira, o Estatuto da Criança e do Adolescente, o disposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN e Resolução nº 3, de 10/11/1999, do Conselho Nacional d Educação e as bases legais que constituem a educação escolar indígena.

Para a professora A- "O papel da escola é preparar, proporcionar condições e acompanhar os professores, porém nos falta muito recursos de materiais didáticos". A

metodologia para a professora está implícita a importância dos recursos materiais para que possam dinamizar atividades com as crianças. As metodologias aplicadas para se ensinar a leitura, se apropriam de recursos presentes e possíveis aos docentes. O que de certa forma viabiliza diferentes formas de ensinar e desenvolver atividades de leitura, usando metodologias que antes não eram usadas.

Conforme o Art. 32 – no Ensino Fundamental, a proposta pedagógica da Escola privilegia o ensino enquanto construção de conhecimento, o desenvolvimento pleno das potencialidades do aluno e sua inserção no ambiente social. Embasado no Art. 33- a Escola Municipal Indígena Ebenezer adota a metodologia pedagógica socioconstrutivista para o trabalho com os alunos de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Art.34 – no Ensino Fundamental, a proposta pedagógica da escola privilegia o ensino enquanto construção do conhecimento, o desenvolvimento pleno das potencialidades do aluno e sua inserção no ambiente social utilizando, para isso, os conteúdos curriculares da base nacional comum e os temas transversais, trabalhos em sua contextualização.

Algumas brincadeiras são usadas para o desenvolvimento de atividades de leitura com as crianças em sala de aula, nesse aspecto, [...] a brincadeira possui três características: a imaginação, a imitação e a regra. Elas estão presentes em todos os tipos de brincadeiras, tanto nas tradicionais, naquela de faz-de-conta, como nas que exigem regras. Podem aparecer também no desenho, como atividade lúdica. (VYGOTSKY, 1991).

As brincadeiras enquanto recursos metodológicos de leitura, são para as crianças oportunidade de diferentes tipos de aprendizado. É possível perceber que as brincadeiras lhes proporcionam maior interesse pela leitura, lhes proporcionam satisfação e prazer em aprender coisas novas. Percebe-se que as formas dinâmicas de ensinar a criança a ler são mais eficazes para se alcançar os objetivos educacionais. Por isso, faz-se necessário diversificar as atividades e assim, proporcionar as crianças um desenvolvimento de um pensamento mais crítico e reflexivo.

Usar técnicas de ensino coletivo, também se configura como uma excelente iniciativa de práticas educativas, estabelecendo relações parcerias, de ajuda mútua entre os diferentes sujeitos, professor X aluno, alunos X alunos, alunos X pais. Muitas atividades de leitura podem ser citadas como por exemplo: exposição do professor, leituras orientadas e dinâmica de leitura, demonstrações, projeções, debates, seminário, simpósios, dupla, painel, comissão, júri simulado, mesa redonda, experimentação, observação, ataque e defesa, grupo de

verbalização - GV – grupo de observação – GO, discussão circular, entrevista, trabalho em dupla – cochicho, painel integrado e aulinha, diálogo, leitura em voz alta; compartilhada, silenciosa, individual, dentre outro. Assim, considerando as peculiaridades e as especificidades de cada aluno-sujeito, faz-se importante que o professor lance mão de variados recursos pedagógicos e linguísticos durante a implementação dos conteúdos disciplinares, facilitando a compreensão dos temas apresentados.

Embora o contexto da sala de aula e as exigências próprias do fazer pedagógico estejam repletos de desafios que se traduzem no cotidiano vivido por professores e alunos ao partilharem uma ação conjunta que envolve o ensinar e o aprender, cabe ao professor, enquanto profissional responsável pela aprendizagem dos alunos, dinamizar suas aulas utilizando-se de todos os recursos disponíveis, com objetivo de fazer com que cada aluno-sujeito aprenda significativamente segundo suas possibilidades e potencialidades.

3.3 AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA APRENDIZAGEM DA LEITURA

Muitos são os desafios que se estabelecem diante de um contexto escolar e em se tratando do processo ensino e aprendizagem da leitura isso se intensifica ainda mais. A leitura é apontada como uma das maiores dificuldades enfrentadas pelas escolas que atuam com a educação básica. Queixas de alunos nos anos iniciais e finais não sabem ler são constantes e motivo de planejamento e ações de superação.

A leitura e escrita são instrumentos fundamentais para a construção do conhecimento do ser humano, atuantes de um processo complexo para o mesmo. Nos dias atuais, torna-se comum as escolas defrontar-se com alunos com tais dificuldades. Contudo os professores possuem um desafio em sala de aula ao deparar-se com alunos com diferentes tipos de dificuldades de aprendizagens, de modo que quando estas não são tratadas poderão resultar em um fracasso escolar.

O resultado das dificuldades encontradas foi fundamental. O qual durante a observação, alguns se sentiram tímidos no momento de ler e por meios dos questionários, alguns não conseguiram assimilar, entender e até mesmo não souber definir suas repostas. Esse é dos pontos que o professor (a) vai trabalhar, na questão da segunda língua, pois sua língua materna é a língua Ticuna. E é isso faz com que os alunos tenham ainda mais

dificuldades. E essas foram as principais dificuldades encontradas foi o de falar, entender, compreender a língua portuguesa e as dificuldades foi de escrever textos, fazer cópias de textos de leituras; todos gostam de ler. Como diz a professora A – que a leitura "é o ato de entender e compreender o que se lê. Que o aluno vive o seu conhecimento e aprimore cada vez mais com novos saberes".

De fato, o professor (a) tem que sempre estar atualizado, planejando suas aulas com novos recursos, para que não fique repetitivo, rotineiro, como segundo alguns alunos gostariam que a professor (a) usasse outra forma de ensinar a ler. Onde de acordo que a reposta que obtivemos por meio do questionário aplicado, dos dez (10), dois(2) não adequado, três (3) foram ausente na próxima aula e cinco(5) responderam: A - "filme", B - "Eu gostaria que a minha professora usa-se mais na sala de aula, era revista, jornais, filmes e algo que seja diferente, coisas que ainda não estudando", C - "cantar história infantil", D - "Eu gostaria que A professora usasse, a sua estratégia, e hábito e arte", E - "cantar história infantil".

São nessas dificuldades a escola irá buscar soluções, que sejam concretas e com resultados satisfatórios, não adianta apenas a escola ter uma política, uma metodologia, uma tendência, só no papel, porém, não aplicada de acordo com critérios, suas avaliações, suas funções e suas regras, a serem estabelecidas no ensino. Para que tenham ensino de qualidade como firma a professor (a) A – o aluno "É avaliado nas participações das atividades, trabalhos em grupo com objetivo de ter um resultado qualitativo. E também é aplicado a provinha de conhecimentos dos currículos estudados".

Que vem conforme as avaliações, na política de ensino da escola; Art. 40 – A avaliação é uma atitude constante em todo trabalho planejado. É a constatação da correspondência entre a proposta de trabalho e sua consecução. Art. 41 – No Ensino Fundamental, a avaliação de aproveitamento escolar do aluno terá por objetivo a verificação das aprendizagens qualitativa e quantitativa, com a preponderância do aspecto qualitativo sobre o aspecto quantitativo.

Art.42- Os resultados da aprendizagem serão aferidos através de avaliação sistemática e contínua dos trabalhos, pesquisas, experiências, exercícios, leituras e provas. Em que a formação continuada e em serviço de professores, dinamizada pelo orientador pedagógico o trabalho escolar, surge como uma oportunidade de aplicação, estudo e reflexão prática do próprio fazer pedagógico com vistas à implementação de atividades e estratégias

que facilitem a aquisição da leitura e da escrita adequadamente. E acrescentando algumas contribuições.

Pode-se dizer:

[...] o professor que lê, que planeja suas aulas com critério e com objetivos bem definidos, que pesquisa, que envolve atividades colaborativas, que se compromete com a aprendizagem de todos os alunos, buscando caminhos que valorizem suas potencialidades e respeitem suas dificuldades, que dialoga, que interage com todos os alunos, notadamente ensinar bem e melhor, cumprindo, assim, seu papel de professor e também de educador. (ARYRES, 2008)

A conquista e a apropriação do campo pedagógico dão-se a partir da ação coletiva, conjunta de todos os sujeitos comprometidos com o processo de ensino e de aprendizagem como autores e atores de suas próprias histórias, experiências e saberes em interação com os demais sujeitos, e a linguagem, tanto escrita como oral, ocupa um lugar de excelência nesse processo. Assim, é preciso que em nossa prática pedagógica diária, passamos contribuir para o desenvolvimento de comportamentos leitores e escritores competentes de nossos alunos a partir da aprendizagem do que o mundo erudito, ou seja, que adquiram conhecimento vasos e variados, que é capaz de oferecer quando nos encantamos, nos emocionamos, nos divertimos, nos informamos, enfim, entramos em completa intimidade com o texto, com as palavras, e estabelecemos múltiplos sentidos significados para a nossa vida. Nesse sentido, aproximamos-nos de Paulo Freire, quando diz que, precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se advinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida (FREIRE, apud PADILHA, 1995, p. 95).

Para que o professor (a) amenize as dificuldades, é necessário conhecer primeiramente, cada aluno, qual seria a melhor forma ou qual método adequado, como para planejar a sua aula, para que os alunos tenham aproveitamento, que venham compreender o sentido da leitura, que servirá na sua vida cotidiana e profissional. A escola possui um papel fundamental para o processo de leitura, no entanto, busca meios que proporcionem a aprendizagem da criança de forma significativa, bem como minimizar as dificuldades de

aprendizagem manifestadas pelos alunos. A partir disto o professor procura formas criativas e inovadoras para as práticas de leitura e escrita visando proporcionar um melhor aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi gratificante ter tido a oportunidade de realizar a pesquisa, ter ido a campo e vivenciar o dia a dia da sala de aula indígena na própria comunidade indígena. Na escola campo tivemos a oportunidade de conversar e observar as relações entre os principais sujeitos da aprendizagem escolar, ou seja, professor e aluno.

O investimento de formação na perspectiva de professor pesquisador trouxe um enriquecimento para a prática profissional, elucidando as diferenças que se configuram entre teoria e prática. Verificou-se que os sujeitos escolares, bem como os pais dos alunos valorizam o aprendizado da leitura. A leitura toma uma proporção de destaque no ambiente escolar sendo motivo de planejamento de diferentes metodologias para que os alunos possam aprender a ler e conseqüentemente escrever.

É possível identificar que os alunos expressam seus interesses e desejos de aprender a ler e nesse processo os professores se tornam os principais agentes formadores para os alunos e toda a comunidade escolar. Pela dimensão da importância da leitura no ambiente escolar, identificou-se diferentes metodologias de atividades de leitura em sala de aula, destacando-se as brincadeiras de maior eficácia em meio aos alunos, dentre outras como leituras orientadas dinâmica de leitura, demonstrações, projeções, debates, seminário, simpósios, dupla, painel, leitura em voz alta, compartilhada, silenciosa, individual.

Em resposta ao objetivo da pesquisa de levantar as dificuldades por parte dos docentes para o ensino da leitura em sala de aula, muitas queixas foram externadas, como principais ressaltam-se a ausência de materiais didáticos na escola, falta de livros diversificados e a dificuldade de compreensão da segunda língua para o ensino da leitura. Na visão de discentes a inovação ou diversificação de práticas pedagógicas docentes foi um dos pontos-chaves. É preciso uma maior conscientização por parte dos educadores e por parte da própria escola e em especial de uma boa colaboração dos pais. Alguns tentam e conseguem encontrar o caminho certo, já outros cruzam os braços por acharem sua prática correta, acomodando-se em seus velhos métodos de ensino, sem procurar se preparar ou mesmo investir em novas alternativas do trabalho pedagógico.

A leitura como grande instrumento facilitador da aprendizagem precisa ganhar lugar de destaque nas escolas e ter mais investimento político e econômico. Parafraseando Freire ler é um ato de cidadania, necessário na sociedade do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando José de. Computador, **Escola e Vida**: aprendizagem e tecnologias dirigidas ao conhecimento. São Paulo. Cubzac, 2001.

AYRES, Antônio Tadeu. **A prática pedagógica competente**: ampliando os saberes do professor. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ABREU, Márcia, org. **Leituras no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo; Brasiliense, 2013. 57ª reimpressão da primeira ed. De 1981.

BRASIL. **Parâmetro Curriculares Nacionais**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. 1998.

_____. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRIBE, Rivera J. **Agir Comunicativa e planejamento social**: uma crítica no enfoque estratégico. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1997.

CERVO, Armando Luiz, BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: McGRAW-Hill. 1997. p 58.

CANFORA, Luciano. "**Lire a Athènes et a Rome**". Annales E.S.C, Jul/Aut.,1989 a, 44 aneé, n4. P 925-937

DEMO, Pedro. **Desafios da Educação Moderna**. São Paulo. Cortez, 1993.

DARNTON, Robert. **História da Leitura**. In: BURKE, Peter, org. A escrita da leitura; novas

perspectivas. São Paulo: EDUNESP, 1989, p 199-236.

FARASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico**: Elaboração e Formulação, Explicação das Normas da ABNT. 14. ed. Porto Alegre, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação a Pesquisa Científica**. 4. ed. Ver. Ampl. SP: Alínea Editora, 2007.

HALL, David D. **Worlds of wonder, days of judgment; popular religious belief in early New England**. New York: Knopf, 1989.

INFANTE, Ulisses. **Do Texto ao Teatro**. Curso Prático de Leitura e Redação. São Paulo: Seipione, 1998, p 49-51.

JOHANN, Jorge Renato. (org) et al. **Introdução ao Método Científico**. Conteúdo e Forma do Conhecimento. 2ª ed. Canoas; Ed. Ulbra/SULINA, 1999. p. 62.

KLEIMAN, A. **Oficina de Leitura**: teoria & prática. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2000.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** /Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Eva Maria Lakatos, Maria de Andrade Marconi. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o oral, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2008.

_____. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília: 1996.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa Social e a Ação Pedagógica**: conceitos, métodos e práticas. São

Paulo: Edições Loyola, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4 ed. WMF Martins Fontes, 2011.

MARCONI, Maria de Andrade. **Técnica de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnica de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados/Maria de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 4. ed. – São Paulo: Atlas, 1996.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2002.

THUMS, Jorge. Acesso à realidade. **Técnicas de Pesquisa e Construção do Conhecimento**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina/Ulbra. p. 67.

VYCOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente: **o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO

Nome:.....Série.....
Turno.....Idade.....Professor(a):.....

1 – O que é Leitura?

.....
.....
.....

2 – É importante a leitura para você?

.....
.....

3 – Porque a importante a leitura para você?

.....
.....
.....

4 – Você gosta de ler?

.....
.....

5 – O que você gosta de ler?

.....
.....
.....
.....

6 – Você gosta como o(a) seu/sua professor(a) ensina a ler?

.....
.....

7 – O que a sua professora usa como material didático (livros, revistas, filmes, jornais, brinquedos, cartões, contar história infantil), para ensinar a ler?

.....
.....
.....

8 – Como o seu/sua professor(a) ensina a turma ler?

.....
.....
.....

9 – Você gostaria que o(a) professor(a) ensinasse a ler de outras formas, não só de texto de leitura de livros de língua portuguesa. O que você gostaria ou o que você gostaria que fizesse ou ele/ela usasse?

.....
.....
.....
.....

10 – A biblioteca e a sala de leitura, são essenciais na escola para auxiliar o aluno, para se ter uma boa leitura. Na escola que você estuda tem biblioteca e sala de leitura?

.....
.....
.....

**APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR
(A)**

Nome:

Tempo de atuação:

Formação:

Especialização;

1 – O ensino da leitura na escola é essencial para desenvolvimento na aprendizagem intelectual do aluno:

A – () SIM B – () NÃO C – () MAIS OU MENOS D – () DESNECESSÁRIOS

2 – O espaço de ensino, supri as necessidades do aluno:

A – () SIM B – () NÃO C – () MAIS OU MENOS D – () DESNECESSÁRIOS

3 – É preciso uma mudança ao ambiente, com novas novidades:

A – () SIM B – () NÃO C – () MAIS OU MENOS D – () DESNECESSÁRIOS

4 – Na sua visão, através dos conhecimentos adquiridos, p ensino local corresponde as diretrizes da LDB:

A – () SIM B – () NÃO C – () MAIS OU MENOS D – () DESNECESSÁRIOS

5 – Qual a importância do ensino da leitura na escola?

.....

.....

.....

6 – Na sua concepção o que é leitura?

.....

.....

.....

7 – Porque a importância da leitura no ensino?

.....

.....

.....

8 – Qual o papel da escola em relação ao ensino da leitura?

.....

.....

.....

9 – Qual o tipo de metodologia é aplicado no ensino?

.....

.....

.....

10 – Como é avaliado o desempenho dos alunos e, corresponde ao objetivo a ser alcançado?

.....

.....

.....

Assinatura do Professor (a)

**APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO: GRADUAÇÃO,
ESPECIALIZAÇÃO, MESTRADO.**

DOCENTE:

ESCOLA:

1 Formação e atuação profissional

A – Qual sua formação?

.....
.....

B – Quanto tempo atua como professor em sala de aula?

.....
.....

C - Já atuou em outras funções na escola ou outros espaços educativos?

.....
.....
.....

D – Para exercer sua função, foi deferido por seletivo do referido município?

.....
.....
.....